

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**AUTO ISOLAMENTO OU EXCLUSÃO?
AS DIFERENTES VISÕES SOBRE OS SURDOS**

MARTA MARIA OLIVEIRA DE FIGUEIREDO

RECIFE-PE
2009

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**AUTO ISOLAMENTO OU EXCLUSÃO?
AS DIFERENTES VISÕES SOBRE OS SURDOS**

MARTA MARIA OLIVEIRA DE FIGUEIREDO

Monografia apresentada à Faculdade Santa Helena, como requisito à obtenção do Título de Especialista em Educação Especial: Estudos Surdos.

Orientadora: Prof^a. Ms Maria Izabel de Melo Monteiro

RECIFE-PE
2009

F475a Figueiredo, Marta Maria Oliveira de

Auto isolamento ou exclusão? : as diferentes visões sobre os surdos/ Marta Maria Oliveira de Figueiredo. – Recife, 2010.
69 p.

Monografia apresentada a Faculdade Santa Helena – FSH para obtenção do Título de Especialista em Educação Especial: Estudos Surdos, sob a orientação da Prof^a. Maria Izabel de Melo Monteiro.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Língua de sinais
I. Título.

FSH – FACULDADE SANTA HELENA

**AUTO ISOLAMENTO OU EXCLUSÃO?
AS DIFERENTES VISÕES SOBRE OS SURDOS**

MARTA MARIA OLIVEIRA DE FIGUEIREDO

Orientadora: Prof.^a Ms M^a Maria Izabel de Melo Monteiro

Orientadora: Prof.^a Maria Lilian Longman

Orientadora: Prof.^a Maria Tereza Barreto Campelo

AGRADECIMENTO

Foram muitos os que me ajudaram a concluir este trabalho.

Meus sinceros agradecimentos...

Ao CREE por permitir que eu dividisse meu tempo entre trabalho e estudo.

Aos amigos do CREE e em especial a Socorro Oliveira e Edna Coimbra que me incentivaram nos momentos difíceis e me ajudaram a concluir esse trabalho.

A Wildson Santiago por sua disponibilidade e sensibilidade em sentir minhas angústias e desespero no desconhecimento da informática, prontificando-se a me ajudar.

A Silvia Farias, especialmente agradeço, que como instrumento de Deus veio até mim e com todo amor e ternura me conduziu à luz; sem ela não teria continuado e concluído esse trabalho.

Namaste: O Deus em mim saúda o Deus em você.

Em especial agradeço a Maria Izabel Monteiro que com sua paciência, sensibilidade e acolhida abriu as portas para a luz de onde foi possível concluir esse trabalho.

Somente dentro de um sentimento de gratidão é que poderás ver Deus.

Agradeço a todas as coisas e pessoas do universo.

Agradeço a todas as coisas do céu e da terra.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Deus existente em cada uma das pessoas que contribuíram com palavras, escuta e paciência as minhas inquietações, angústias e ansiedades.

PENSAMENTO

“Lamento oculto de um surdo” feito por Vilhalva (2004), pedagoga surda, que nos faz refletir:

“Quantas vezes eu pedi uma Escola de surdos e você achou melhor uma escola de ouvintes.

Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocando as suas idéias no lugar.

Quantas vezes levantei a mão para expor minhas idéias e você não viu.

Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava me influenciar com a história de que a lei agora é essa e que a escola de surdo não pode existir por estar no momento da “ Inclusão “.

Eu fiquei esperando mais uma vez... em meu pensamento...ser surdo de Direito é ser “ouvido “... é quando levanto a minha mão e você me permite mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades.

Se você ouvinte me representa, leve os meus ensejos e as minhas solicitações como eu almejo e não que você pensa como deve ser.

No meu direito de escolha, pulsa dentro de mim:

Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser Surdo.

Entenda somente isso!”

RESUMO

A comunicação é um elemento de extrema importância para os indivíduos; nesse contexto observam-se pessoas surdas que necessitam comunicar-se. A história apresenta inúmeras dificuldades, sofrimentos e lutas vividas pelos surdos, na construção de uma identidade enquanto sujeito diferente dos demais, possuidor de uma língua própria, a língua de sinais - Libras. Ser surdo é pertencer ao mundo de experiência visual e não auditiva, é pertencer à outra cultura. Através da forma própria de comunicação os surdos passaram a reivindicar seus direitos, como sujeitos, como cidadãos, dentre esses está, a sua língua ser utilizada na sua educação. Isso os tornou visíveis e mais conscientes de si mesmo, bem como de seu importante papel na sociedade o que representa o nível de identidade e cultura do surdo. Seu pensamento sobre si, ou seja, se é respeitado na sua diferença, o que as pessoas pensam dele e como agem com relação a ele. A existência de uma língua comum exerce, sem dúvida, uma função comunicativa que facilita a interação dentro do grupo e deles com os pais, amigos, professores e outros. O presente trabalho se propõe a refletir sobre as diferentes visões sociais e a respeito do “ser surdo”. Enfoca a educação dos surdos através da história, discutem questões pertinentes a Língua de Sinais e Cultura, os aspectos relativos à inclusão e exclusão numa visão esclarecedora de como se dá a socialização do surdo no mundo ouvinte, desconhecedor da (LIBRAS) linguagem dos surdos, de sua cultura e identidade e por fim apresenta a análise de dados da pesquisa Figurações Sociais – Surdos na Contemporaneidade, a partir da visão de pais, professores e sujeitos surdos sobre aspectos de socialização.

Palavras-chave: Educação, Comunicação, Identidade, Língua de Sinais e Surdos.

ABSTRACT

Communication is an extreme of utmost importance for individuals and in this context are seen deaf people who need to communicate. The history presents many difficulties, sufferings and struggles experienced by deaf people, in building an identity as a subject different from the others, possessing its own language – LIBRAS. Being deaf is to belong to the world of visual experience and not hearing, is to belong to another culture. Through the proper way of communication the deaf began to demand their rights as individuals, as citizens, such as, their language being used in their education. This made them visible and more aware of themselves and of their important role in society which represents the level of identity and culture of the deaf. Their thinking about themselves, or if they are respected in their difference, what people think of them, and how they act toward them. The existence of a common language has, without doubt, a communicative function that facilitates interaction within the group and with their parents, friends, teachers and others. This paper intends to reflect on the different social visions and about “being deaf”. Focuses on the education of deaf people throughout history, discusses issues related to sign language and culture, aspects related to inclusion and exclusion in an enlightening vision of how it is the socialization of the deaf in hearing world, unaware of the (LIBRAS) language of deaf people, their culture and identity, and finally presents the analysis of research data Deaf-Social Figurations in contemporary life, from the perspective of parents, teachers and deaf people on aspects of socialization.

Key-words: Education, Communication, Identity, Signals Tongue and Deaf.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – SEXO – ESTUDANTE.....	34
QUADRO II – SEXO – UNIVERSITÁRIO.....	34
QUADRO III SEXO – PAIS.....	35
QUADRO IV – SEXO – PROFESSOR.....	35
QUADRO V – ESTUDANTE.....	35
QUADRO VI – UNIVERSITÁRIO.....	35
QUADRO VII – PAIS.....	36
QUADRO VIII – PROFESSOR.....	36
QUADRO IX– ESCOLARIDADE – ESTUDANTE.....	36
QUADRO X - COM QUEM APRENDEU LIBRAS – ESTUDANTES SURDOS.....	36/37
QUADRO XI - COM QUEM APRENDEU LIBRAS – UNIVERSITÁRIO SURDO.....	37
QUADRO XII – QUEM ENSINOU LIBRAS AO FILHO SURDO – (QUESTIONÁRIO DOS PAIS).....	37
QUADRO XIV - A 1º VEZ QUE VIU LIBRAS – ESTUDANTE.....	39
QUADRO XV – A 1º VEZ QUE VIU LIBRAS – UNIVERSITÁRIO.....	39
QUADRO XVI - A PRIMEIRA VEZ QUE VIU LIBRAS – PAIS.....	40
QUADRO XVII - PRIMEIRA VEZ QUE VIU LIBRAS – PROFESSOR.....	40
QUADRO XVIII - USO DE LIBRAS- ESTUDANTE.....	41
QUADRO XIX - USO DE LIBRAS – UNIVERSITÁRIOS.....	42
QUADRO XX USO DE LIBRAS – PAIS.....	42
QUADRO XXI USO DE LIBRAS – PROFESSOR.....	42
QUADRO XXII - FLUÊNCIA EM LIBRAS – ESTUDANTE.....	43
QUADRO XXIII - FLUÊNCIA EM LIBRAS – UNIVERSITÁRIOS.....	43
QUADRO XXIV - FLUÊNCIA EM LIBRAS – PAIS.....	44

QUADRO XXV - FLUÊNCIA EM LIBRAS – PROFESSORES.....	44
QUADRO XXVI - ONDE GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS – ESTUDANTES.....	45
QUADRO XXVIII - ONDE GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS – UNIVERSITÁRIOS.....	45
QUADRO XXVIII - ONDE SEU FILHO GOSTA MAIS DE USAR LIBRAS – PAIS.....	46
QUADRO XXVIII - ONDE SEUS ALUNOS SURDOS GOSTAM MAIS DE USAR LIBRAS – PROFESSORES.....	46
QUADRO XXX - LIBRAS TÊM O MESMO VALOR DE UMA LÍNGUA ORAL – ESTUDANTE.....	48
QUADRO XXXI - LIBRAS TÊM O MESMO VALOR DE UMA LÍNGUA ORAL – UNIVERSITÁRIO.....	48
QUADRO XXXII – LIBRAS TÊM O MESMO VALOR DE UMA LÍNGUA ORAL – PAIS.....	48
QUADRO XXXIII – LIBRAS TÊM O MESMO VALOR DE UMA LÍNGUA ORAL – PROFESSORES.....	49
QUADRO XXXIV – CULTURA E LÍNGUA – ESTUDANTES.....	49
QUADRO XXXV – CULTURA E LÍNGUA – UNIVERSITÁRIOS.....	49
QUADRO XXXVI – CULTURA E LÍNGUA – PAIS.....	50
QUADRO XXXVII – CULTURA E LÍNGUA – PROFESSORES.....	50
QUADRO XXXVIII – PARTICIPAÇÕES EM GRUPOS CULTURAIS – ESTUDANTES.....	51
QUADRO XXXIX – PARTICIPAÇÕES EM GRUPOS CULTURAIS – UNIVERSITÁRIOS.....	51
QUADRO XL – PARTICIPAÇÕES DO FILHO SURDO EM GRUPOS CULTURAIS – PAIS.....	52
QUADRO XLI – PARTICIPAÇÕES DOS ALUNOS SURDOS EM GRUPOS CULTURAIS – PROFESSORES.....	52
QUADRO XLII – ASSPE – ESTUDANTE.....	53
QUADRO XLIII – ASSPE – UNIVERSITÁRIO.....	53
QUADRO XLIV – ASSPE – PAIS.....	53

QUADRO XLV – ASSPE – PROFESSORES.....	54
QUADRO XLVII - O QUE MAIS GOSTA DE FAZER NA ASSPE – UNIVERSITÁRIO.....	54
QUADRO XLVIII – O QUE MAIS GOSTA DE FAZER NA ASSPE – PROFESSORES.....	55
QUADRO XLIX – AMIGOS OUVINTES – ESTUDANTES.....	56
QUADRO L – AMIGOS OUVINTES – UNIVERSITÁRIO.....	56
QUADRO LI – ALUNOS SURDOS TÊM AMIGOS OUVINTES – PROFESSORES.....	56
QUADRO LII – AMIGOS SURDOS– ESTUDANTE.....	57
QUADRO LIII – AMIGOS SURDOS– UNIVERSITÁRIOS.....	57
QUADRO LIV – AMIGOS SURDOS– PAIS.....	57
QUADRO LV – AMIGOS SURDOS– PROFESSORES.....	57/58
QUADRO LVII - RELACIONAMENTO DO UNIVERSITÁRIO COM OS COLEGAS OUVINTES.....	59
QUADRO LVIII - COMUNICAÇÃO DOS PAIS OUVINTES COM OS FILHOS SURDOS.....	59
QUADRO LIX - COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR OUVINTE COM O ESTUDANTE SURDO.....	60
QUADRO LX – FAMÍLIA – ESTUDANTE.....	60
QUADRO LXI – FAMÍLIA – UNIVERSITÁRIOS.....	61
QUADRO LXII – FAMÍLIA – PAIS.....	61
QUADRO LXIV - VIDA SOCIAL ESTUDANTE.....	62
QUADRO LXV - VIDA SOCIAL UNIVERSITÁRIOS.....	62

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O SURDO E A HISTÓRIA.....	17
2. LÍNGUA DE SINAIS E CULTURA.....	22
3. AUTO-ISOLAMENTO OU EXCLUSÃO?.....	29
3.1 DISCUSSÃO SOBRE DADOS DA PESQUISA FIGURAÇÕES CULTURAIS: OS SURDOS NA CONTEMPORANEIDADE(2009)	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO

A comunidade surda, enquanto minoria lingüística tem na língua de sinais a base de suas experiências visuais para efetivarem a comunicação com seus pares e demais membros da sociedade majoritária na qual estão inseridos.

As relações existentes na família de pessoas surdas diferem substancialmente de uma sociedade ouvinte sendo esta uma das evidências que faz com que a comunidade surda se constitua quase como se fosse um grupo étnico. É o fator cultural e não o familiar consangüíneo, que forma uma relação social surda autêntica.

A partir da experiência e vivência das diferenças lingüísticas e culturais entre os surdos, estes se constituem como um grupo social, ou seja, um grupo formado como diferente do grupo dominante (majoritário ouvinte e com língua oral). As identidades e cultura desse grupo se constroem a partir de uma língua de modalidade visual e gestual, sendo, portanto, excluídos da maioria ouvinte pela falta de entendimento e compreensão da língua de sinais (linguagem visual) e de sua cultura.

O sujeito se estrutura a partir de um modelo de identificação no qual subjetivamente se vê. Os surdos que têm pais ouvintes que não se comunicam em sinais, sofrerão um processo de perdas culturais. Estes surdos, freqüentemente, só terão contato com a cultura e a comunidade surda, quando forem para uma escola de surdo, onde poderão se sentir e se ver com os semelhantes.

A existência de uma língua comum exerce sem dúvida uma função comunicativa que facilita a interação dentro do grupo.

As pessoas nascem dentro de um grupo socializando-se com os pais, amigos, professores e outros. Individualmente os sujeitos aprendem sobre as normas e

valores da família e da comunidade, da sociedade na qual vivem e sobre os objetos e tecnologias disponíveis que estão presentes em seu mundo social.

É importante que os sujeitos surdos e ouvintes possam ampliar sua compreensão de si mesmos e do mundo onde interagem e a partir destas ações, transformarem o próprio presente.

Na construção das identidades culturais, os surdos se vêem prejudicados com a idéia da tradição oralista - ser possível ao surdo ser ouvinte. Isso leva a um novo repensar sobre as lutas sociais e estabelece uma perspectiva que visa reconhecer a identidade surda, no que concerne ao termo diferença e deficiência, lançar um novo olhar sobre os surdos.

A busca da identidade surda é um movimento político em prol dessa diferença, é uma luta contra o estigma, o estereótipo e o preconceito - contra a deficiência e especialmente contra o poder do ouvintismo.

Ser surdo é pertencer ao mundo de experiência visual e não auditiva é pertencer à outra cultura.

É preciso desmistificar o difícil, o diferente é sentir a experiência na prática e/ou no convívio dessa nova forma de comunicação, com o seu ensinamento curricular nas escolas.

“Auto-isolamento ou exclusão: as diferentes visões sociais sobre o ser surdo”. No tema abordado levanta-se um questionamento interligado de duas instâncias que em sua oposição aponta para o que se quer refletir.

Auto-isolamento ou exclusão: dualidade que integra e se estrutura no ser individualmente, flui e reflui na relação com o outro ser. Socialmente falando é a partir da formação de grupos com identificações e diferenciações que cada ser se vê único nesse processo relacional estruturante e impulsionador de transformações.

Devido às diferenciações, o indivíduo se isola de um grupo com o qual não se identifique, não faça parte de seu mundo e vivência (experiência), porém, o grupo também o exclui por esses mesmos motivos. O que nos faz pensar que essas atitudes nascem do desconhecimento ou de um pré-conceito, muitas vezes formulado por estereótipos.

No que se refere ao ser surdo, que por não ouvir, não possui língua oral, mas que se comunica através de língua desconhecida pelo grupo ouvinte majoritário - a língua de sinais (Libras) – é, muitas vezes, conduzido a um processo de auto-isolamento. Sacks (1990) define o surdo como aquela pessoa que não ouve o suficiente para processar informações lingüísticas, pela via de acesso mais comum - a via oral - criando para isso, uma entidade lingüística e cultural própria. Essa idéia reflete uma visão sociocultural da surdez concebendo-a em seus aspectos sociais, lingüísticos e culturais. A temática abordada distinguindo uma cultura de surdo divergente de uma cultura ouvinte é bastante relevante e suscita uma maior investigação, sendo, até hoje, tema central em muitos debates científicos da área.

Como estar individualmente esse sujeito surdo, suas buscas, projetos, valores, conceitos de si mesmo, suas identificações e quais participações em grupos referentes à sua identidade?

O trabalho se propõe investigar as diferentes visões sociais sobre o “ser surdo”, baseadas na percepção de pais, professores e dos próprios sujeitos surdos.

Considerando a hipótese de que toda e qualquer língua oral e/ou de sinais é um fenômeno exclusivamente humano, visto que é através da língua que as pessoas se comunicam, recebem e transmitem informações, participam de momentos de socialização entre seus pares, recebem educação, conhecimentos, expressam seus pensamentos entre outros, a privação e não acesso desde o nascimento, seja nos processos familiares, educativos e sociais, como no caso dos surdos que, nascem num mundo de privação lingüística – língua oral – devido a seu impedimento auditivo, poderá levar a um processo de auto-isolamento e exclusão social durante diversos e/ou todos os momentos de suas vidas?

Em termos estruturais, o trabalho organiza-se da seguinte forma:

O capítulo I situa a história da educação dos surdos fazendo uma retrospectiva histórica e metodológica ao longo do tempo. O capítulo II discute sobre questões pertinentes a Língua de Sinais e Cultura, verificando como o discurso teórico se enquadra a realidade social do surdo.

O capítulo III discute os aspectos relativos à inclusão e exclusão versando sobre como acontece esse movimento nas escolas para alunos surdos inclusos em sala de aula regular. Do ponto de vista empírico, o trabalho foi realizado em escolas públicas do Estado de Pernambuco e no Centro SUVAG de PE. Os interlocutores da pesquisa são compostos por professores, pais e estudantes, do sexo masculino e feminino, faixa etária de 26 a 50 anos. Objetivando investigar que aspectos levam o surdo a um processo de auto-isolamento social.

O capítulo IV mapeia a prática vivenciada através da pesquisa de campo, verificando os discursos relativos à visão de pais, professores e dos sujeitos surdos sobre aspectos de socialização.

Serão destacados nos capítulos a seguir alguns fatos que contribuíram para a aprendizagem, divulgação e disseminação das línguas de sinais pelo mundo.

1. O SURDO E A HISTÓRIA

A história revela uma trajetória de dificuldades, sofrimentos e lutas vividos pelo surdo, ao longo do tempo, para constituir-se enquanto sujeito diferente com uma língua própria. A apresentação da referida trajetória que vamos desenvolver a seguir está baseada no trabalho de Moura (2000). Segundo o referido autor o surdo era considerado não humano, uma vez que era a linguagem o que dava condições de humano para o indivíduo. O surdo por, acreditar-se na época, que ele não era capacitado para a fala, não aprendia porque não tinha linguagem e nem pensamento. Esse pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala, levou gregos e romanos também a ter uma visão do surdo como seres humanos não competentes.

Isto levou durante séculos a um caminho tortuoso de “recuperação” dos surdos na necessidade de se dar fala a eles. Era sua “humanização” que seria conseguida dessa forma. Este ponto de vista é encontrado nos dias de hoje por alguns educadores, que consideram a língua de sinais uma mímica sem status de língua.

O relato dessa história mostra que o oralismo tinha como aparente justificativa a humanização do surdo, mas na verdade, escondia outros objetivos de seus defensores. Muito desses educadores com o passar do tempo percebem que a língua de sinais era aquela que facilitava a comunicação e compreensão dos surdos. A tentativa de oralização levava a um atraso consideravelmente grande em seu desenvolvimento, principalmente pelo fato de que os critérios adotados eram de que é necessário se falar primeiro para depois se aprender.

Na história dos surdos, um dos fatos mais importantes se deu na França, quando se viu nas primeiras aglomerações de surdos urbanos, uma forma de comunicação eficiente e que poderia ser aprendida.

No século XVIII, o Abade De L'Epée que segundo sua vocação religiosa não podia tolerar a idéia de que as almas dos surdos vivessem e morressem sem serem ouvidas em confissões, privadas do catecismo, das escrituras, da palavra de Deus começou a ensinar aos surdos por motivos religiosos. Desenvolveu um método novo de educação, criou um sistema de sinais "metódicos" de De L'Epée – uma combinação da língua de sinais nativa com a gramática francesa traduzida em sinais – permitia aos alunos surdos escrever o que lhes era dito por meio de um intérprete que se comunicava por sinais. Método bem sucedido, que pela primeira vez, permitiu que alunos surdos lessem e escrevesse em Francês, e assim adquirissem educação – surge então a língua de sinais.

A importância de De L'Epée não está só no fato de ter desenvolvido esse método mas na humildade de aprender a língua de sinais com os surdos para poder, através desta língua, educá-los. Ele foi o primeiro a considerar a língua dos surdos, de reconhecer que existe uma língua gestual em uso e reconhecer sua categoria humana.

Criou o Instituto Nacional para Surdo-Mudo em Paris, que foi a primeira escola pública para surdos no mundo e que possibilitou pela primeira vez que os surdos vivessem em comunidade - fator primordial para o desenvolvimento da língua de sinais francesa.

Isso marca outra grande contribuição de De L'Epée que é a passagem da educação individual para a educação coletiva, não privilegiando somente os que podiam pagar. Para De L'Epée o treinamento em fala tomava tempo demais dos alunos, tempo este que deveria ser gasto em educação. Além disso, considerava que mesmo para aqueles que poderiam aprender a fala, isso teria pouca utilidade, estimando-se o tempo despendido e a utilidade real desta fala.

Segundo Sacks (2005) em 1776 foi publicado o primeiro livro de De L'Epée sobre seu método revolucionário referente a linguagem do surdo. O mais importante e, sob certos aspectos fascinantes, é que nesta obra existem textos originais escritos por surdos - os primeiros surdos que aprenderam a escrever. Ainda de

acordo com Sacks (2005), Pierre Desloges em 1779 foi primeiro surdo a publicar um livro quando nos dá uma descrição do mundo, ou não mundo dos sem língua.

Moura (2000) se refere a Laurent Clerc, um surdo brilhante, professor do Instituto Nacional para Surdos Mudos em Paris que foi contratado por Thomas Gallaudet, fundador de uma escola para surdos nos Estados Unidos. Tendo aprendido o método desenvolvido por De L'Épée na França foram juntos para os Estados Unidos no ano de 1816 quando implantaram a primeira escola pública para surdos em Harford, Connecticut.

A Língua de Sinais Francesa foi então gradativamente sendo modificada pelos alunos da referida escola, começando então a se formar a língua de sinais americana. Os sinais metódicos foram também, sendo paulatinamente abandonados e na sala de aula passaram a ser utilizadas a Língua de Sinais America (ASL) o inglês escrito e o alfabeto digital.

De acordo com Moura (2000) os professores ouvintes treinados por Clerc (educador surdo do Instituto Gallaudet) foram se juntando os professores surdos, ex-alunos da escola. Paralelo a isso foi sendo treinada também a profissionalização relacionada às necessidades do mercado da época. Num convívio com os ouvintes os surdos começaram a estreitarem seus laços através do desenvolvimento de uma cultura e de uma língua própria.

A única escola pública para surdos estava nos Estados Unidos (Hart Ford School) onde os surdos de outros países iam estudar. Voltavam depois para suas cidades de origem levando a língua de sinais e formando também lá uma sociedade de surdos. Este fortalecimento da língua de sinais e o estabelecimento de pequenas comunidades de surdos fez com que surgissem em várias regiões dos Estados Unidos novas escolas para surdos.

Em 1864 o Congresso Americano autorizou o funcionamento da primeira faculdade para surdos localizada em Washington (atualmente universidade Gallaudet) Esta faculdade foi fundada por Edward Gallaudet, filho de Thomas Gallaudet. Estes fatores criaram um nível de desenvolvimento para os surdos

Americanos, difícil de serem seguidos por outras comunidades no mundo. Em Gallaudet, foram realizados os primeiros estudos lingüísticos que trouxeram a comparação científica das línguas de sinais com as outras línguas o que permitiu considerar a língua de sinais uma língua natural e igual a qualquer língua de origem oral-auditiva.

A maturidade política da comunidade surda americana pode ser exemplificada por suas reivindicações e posicionamentos perante suas instituições. Em 9 de março de 1988 houve uma greve em Gallaudet (única faculdade de ciências humanas para surdos no mundo) mas que em seus 124 anos, nunca teve um reitor surdo, "surdos em greve pelos surdos", estudantes exigem reitor surdo.

Os estudantes e professores temiam que a administração reduzisse ainda mais a proporção de professores surdos na Gallaudet e restringisse mais ainda o uso da língua de sinais pelos professores.

Os estudantes estavam preocupados com sua identidade, com sua sobrevivência e com o apoio ativo de ex-alunos, bem como de organizações e líderes surdos de todo o país, pressionaram em favor de um reitor surdo.

O que se destaca na greve de 1988 em Gallaudet é sua consciência histórica, quando foi destacado como membro presente ao movimento Laurent Clerc em espírito. Ele é o pioneiro, uma figura heróica na historia e cultura dos surdos, o alicerce da educação.

Quando Clerc fundou o American Asylum em Hartford com Thomas Gallaudet, em 1817, disseminaram-se pelos Estados Unidos, não apenas uma língua e uma alfabetização, mas um conjunto de conhecimentos comuns, de crenças comuns, de narrativas e imagens estimadas que, logo constituíram uma cultura rica – houve então para os surdos uma "identidade", não meramente pessoal, mas social e cultural. Também foi lançado um notável sistema educacional de internatos para surdos, usando a língua de sinais.

As escolas surdas americanas foram inicialmente criadas num regime de residência, pois dessa forma poderia dar uma educação completa num contato com professores e os próprios alunos entre si. Este contato social fornecia desenvolvimento contínuo e livre da linguagem, possibilitando o respeito dessa língua completa, pertencente a uma comunidade e a cultura dos surdos.

É fundamental que surdos possam desenvolver sua forma de olhar o mundo. Muitos surdos só encontram outros quando já estão entrando na adolescência ou na vida adulta. Só então, começam a freqüentar os clubes e escolas surdas, ou vão se aproximando de “grupos espontâneos de surdos”, fora de lugares institucionalizados, na rua, nos shoppings centers, etc. onde discutem livremente suas idéias e opiniões.

Para os surdos, estes momentos de conversas são fundamentais ao seu relaxamento diário ou semanal.

Na escola comum os surdos têm oportunidades de conhecer os outros, o mundo mais amplo, mas também pode vir a viver um isolamento e servir para afastar o surdo de sua própria língua e cultura. “Os surdos não se consideram diferentes, e sim uma minoria lingüística e cultural, que tem a necessidade, na verdade, o direito, de estar juntos, de ir para escola juntos, de aprender a língua que lhes é acessível e de viver na companhia e comunidade de outros como eles.

2. LÍNGUA DE SINAIS E CULTURA

A discussão sobre língua de sinais tem alguns aspectos ligados à política, a ideologia e formação de identidade, que estão relacionados à cultura, a grupos minoritários, comunidade, e direito de cidadania.

Nesse movimento os surdos passavam a reivindicar os seus direitos como sujeitos, e entre esses direitos, o da sua língua ser utilizada na educação dos surdos, serem reconhecidos não como deficientes, mas como diferentes e sua cultura respeitada.

Nos últimos trinta anos vem ocorrendo uma reversão, um retorno e uma ressurreição da língua de sinais e sua legitimidade e muito mais, o descobrimento ou redescobrimento dos aspectos culturais da surdez, da comunidade, de comunicação, de uma auto-definição como um modo de ser ímpar.

Segundo Moura (2000) para os surdos existe um interesse especial e intenso em sua língua tendo sido assim desde Desloges em 1779. Os surdos consideram a língua de sinais uma parte imensamente íntima indissociável de seu ser. A língua de sinais num processo lento e enfrentando grande resistência, era legitimada cientificamente, e os surdos iam pouco a pouco reunindo um senso de auto-estima e esperança, lutando contra imagens e sentimentos negativos que os perseguiram havia um século.

Ainda de acordo com Moura (2000) esse fato foi essencial, mas não foi o único que levou ao movimento surdo. Seguindo a referida autora desde 1960 houve numerosos fatores que influenciaram a produzir a revolução de 1988. Ocorreu um aumento na representação de pessoas surdas nos meios de comunicação, documentários, peças e novelas. A língua de sinais foi introduzida na televisão no programa “sesame street” (Vila Sésamo no Brasil) e começou a ser uma matéria eletiva muito procurada em algumas escolas.

Os surdos se tornaram visíveis, mais conscientes de si mesmo e de seu poder na sociedade. Os anos 70 presenciaram a ascensão não apenas do orgulho surdo, mas do poder surdo. Em momento algum deixaram os surdos de se manterem unidos com necessidade de pares, de construir uma identidade baseada no contato com iguais para conseguirem o que era tão fácil no mundo dos ouvintes.

Dentro dessa sociedade de ouvintes, eles construíram uma comunidade própria, com sua cultura, sua língua e tentam se estabelecer como grupo minoritário para poder serem aceitos numa visão multicultural, ou seja, um lugar de direitos coletivos para a determinação própria do grupo. De acordo com Moura (2000) cultura nesse caso não se refere à nação ou nacionalidade e sim a delimitação de um grupo com aspectos, comportamentos lingüísticos, valores e estilo cognitivos diferenciados pela forma visual de perceber o mundo.

Os surdos têm experiências diferentes dos ouvintes e como tal o contato com seus iguais leva-os a possibilidade de se poder constituir-se enquanto sujeito - de vir a ser através de sua identidade cultural e social e de linguagem. Dessa forma não teria que perseguir um objetivo inatingível de ser ouvinte. Porém essa premissa não se refere a todos igualmente, existem alguns surdos que não se percebem pertencentes ao mundo surdo e ou ao ouvinte e circulam em ambos.

Da resistência ao poder do ouvintismo, surgem associações de surdos - territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência para se lutar por ser diferente e ter identidade e cultura própria, para existirem enquanto grupo diferenciado com especificidades e singularidades. Com o objetivo então, de não se sentirem diferentes num mundo ouvinte os surdos passam então a freqüentar essas associações - nesses lugares o surdo aprende a ser surdo.

Daí se entende que a história do surdo é mais produto de resistência que de acomodação aos significados sociais dominantes (querer que o surdo seja oralizado; seja igual aos ouvintes).

Em síntese, primeiramente os surdos foram descobertos pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e conseguirem ser

como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los.

É importante averiguar o lugar e contexto social em que o indivíduo surdo menos usa sua linguagem, até porque isso é um dado de aceitação ou rejeição, quer seja por parte individual ou do grupo. “A cultura surda não se mistura a ouvinte” (GLADIS, 2005, p. 56). Por ser difícil não compreendida e conhecida a linguagem dos surdos os ouvintes os excluem, isolando-os ao “silêncio social”.

A questão cultural e de linguagem estrangeira (linguagem surda) em suas peculiaridades e diferenças frente aos ouvintes faz-nos questionar e perceber distinções culturais diversificadas entre ouvintes e surdos.

A língua de sinais para o surdo é importante, por representar um nível de identidade e cultura deste. Saber o que pensa sobre si mesmo, se é respeitado e considerado na sua diferença. E como as pessoas pensam e agem com relação a um grupo minoritário e desconhecido da maior parte dos ouvintes não conhecedores da língua gestual visual dos surdos.

Auto-estima e aceitação de sua condição e diferença levam o surdo a pertencer à outra cultura, outro mundo. Baixa auto-estima, complexo de inferioridade, não pertencimento a nenhum grupo ou identidade levam esse indivíduo ao isolamento, desconfiança e a dificuldades sociais de relacionamento e integração.

São muitos os surdos que vivem uma identidade flutuante, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. O sujeito surdo constrói sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas.

Os surdos têm de construir suas identidades diversificadas como membros de um grupo cultural.

A comunidade surda é um complexo de relações e interligações sociais que difere de outras comunidades onde existe a possibilidade de comunicação oral, pois as pessoas surdas necessitam da língua de sinais e das experiências visuais para realizarem uma comunicação satisfatória com outras pessoas.

“A única coisa própria do ser humano é sua linguagem, pois somente a partir dela ele poderá se transformar em um ser individualmente, social e cultural, possuindo uma consciência coletiva. As interações da prática comunicativa constituem o meio através do qual se reproduzem a cultura, a sociabilidade e a personalidade, pois estes processos de reprodução cobrem as estruturas simbólicas do mundo; da vida.” (HABERMAS, 1988, apud SKLIAR, 2005, p.76)

E como está individualmente esse sujeito surdo; suas buscas, projetos, valores, conceitos de si mesmo, suas identificações e quais participação em grupos referentes à sua identidade, auto descoberta, etc.?

Com os estudos culturais, os Estudos Surdos vêm buscar compreender as práticas culturais e sociais na constituição identitária de sujeitos surdos.

Perlin (1998) vê a identidade surda em construção, em movimento em constante transformação. Explica que para representar a identidade surda, há necessidade de afastar-se da visão clínica para uma visão de alteridade cultural. Os surdos procuram seus iguais, sentem satisfação em estar juntos, com eles formam um grupo e tem sensação de pertencimento. A identidade não é uma parte da multiplicidade, pelo contrário, o conjunto de multiplicidades (juntas) forma a identidade.

Ainda de acordo com Perlin (1998) os Estudos Culturais se manifestam como uma linha relevante na emancipação cultural das pessoas surdas. Assim como a lingüística envolve as línguas de sinais, os estudos culturais vêm trazer subsídios teóricos para a questão da diferença, formação de grupos e das conquistas de cidadania às pessoas surdas.

Na perspectiva dos Estudos Culturais entra em cena um novo olhar sobre a surdez tratar a questão da língua, da identidade e da diferença, passar a ver a questão da identidade a partir dos grupos.

A atribuição conceitual de cultura passa para a questão dos grupos de pessoas surdas que inconformadas como pessoas “inferiores”, os Estudos Culturais concedeu-lhes o direito de serem diferentes, logo, constituiu-lhes uma identidade marcada politicamente e inventada a partir de grupos de surdos.

Os estudos sobre as pessoas surdas passaram então a ser fundamentados nesta perspectiva. Os aspectos culturais, as línguas de sinais, as manifestações, os discursos, os movimentos de lutas, as políticas, e muitos outros assuntos passaram a ser investigados, justificados e explanados a partir da cultura.

De acordo com Marques (2008), os avanços das pesquisas na Academia, na área da lingüística, e dos Estudos Culturais permitiram o nascimento dos Estudos Surdos, como um novo campo de pesquisa. Nas questões de grupos sociais, a língua de sinais forma grupos semelhantes não só usuário de uma minoria lingüística mais também na formação de comunidades e de hierarquia de valores.

Skiliar (1998) aborda a questão das potencialidades educacionais das pessoas surdas, evidenciando aspectos de uma educação diferente da usual, tendo como primeira língua a língua de sinais. Cita também a possibilidade de identificação das crianças com adultos surdos, tanto na aquisição da língua como na afirmação da individualidade e identidade, assim como, o direito a uma cultura, a uma vida comunitária que escolha, entenda e permita participar do debate lingüístico, educacional, escolar, de cidadania, onde as pessoas surdas são os atores e autores que narram e constroem sua própria história.

É através do encontro com os saberes surdos, nas histórias de vida, nas relações com o mundo e com o outro é que vai haver a possibilidade de se interagir socialmente.

O ouvintismo como toda ideologia dominante, gerou os efeitos que desejava, pois contou com o consentimento e a cumplicidade da medicina dos profissionais da área de saúde, dos pais e familiares dos surdos, dos professores e, inclusive, daqueles surdos que representam e respeitam os ideais do processo da ciência e da tecnologia - os surdos que falam e os surdos que escutam.

O fato de que os surdos não possam e, talvez nem queiram, em sua grande maioria ser ouvintes ou ser como os ouvintes, não parece ser um obstáculo para as representações dominantes na educação dos surdos.

A intenção de que as crianças surdas sejam, em um hipotético futuro, adulto ouvinte originou um doloroso jogo de ficção nas identificações.

Ser ouvinte é ser falante, letrado civilizado. Ser surdo, portanto, significa não falar. Neste sentido, os estudos surdos problematizam justamente aquilo que em geral não é problematizado. O termo identidade para melhor entender a temática surdez é usada para busca do direito de ser surdo. Diferente e não deficiente por que não podemos repensar nosso olhar? O que o sujeito surdo tem de diferente? Ser surdo é pertencer ao mundo de experiência visual e não auditiva. Viver uma experiência visual e ter a língua de sinais, a língua visual, pertencente à outra cultura, a cultura visual e lingüística.

Identidade política surda é um movimento pela força política em prol da diferença, é uma luta contra o estigma, contra o estereótipo, contra o preconceito, contra a deficiência e especialmente contra o poder do ouvintismo. Os sujeitos não nascem com as identidades dos grupos a que pertencem não se trata de algo inato. Elas são construídas e transformadas no interior das representações.

Ao sujeito é dado conhecer, dentre outras coisas, a significação do que seja ser um membro de um determinado grupo cultural, seu lugar na estrutura social e as regras e normas que definem como deve porta-se frente ao “outro” pela forma como o grupo é culturalmente representado (pelo seu conjunto de significação). E, nesse sentido, os componentes tendem a ser leais aos padrões culturais do grupo. Assim, gozam da sensação de pertencimento ao mesmo tempo em que constroem suas referências identitárias e são por elas construídos.

Na mesma direção, vemos que não se trata apenas de diferenças, mas também de semelhanças. As diferenças apresentam-se como fundamentais para a idéia de identidade, porem, quando se pensa em processo identificatório, tende-se a afirmar que as identificações serão possíveis à medida que houver alguma presença

da alteridade, mesmo que essa presença se traduza em algo como um valor, uma expectativa, uma projeção e ou um desejo. Esse parece ser o lugar, o foco das ações de comunicação e relacionamento.

A idéia de identificação exige alguma semelhança. E a cultura surda se constitui pelos movimentos de lutas sociais, de ação cultural de um grupo que por diversas vezes sente-se discriminado, excluído pelos outros segmentos da sociedade por terem suas peculiaridades.

3. AUTO ISOLAMENTO OU EXCLUSÃO?

O objetivo maior da educação especial foi à integração dos ditos deficientes na sociedade. O termo integração representa o processo educacional dos alunos especiais em escolas comuns; juntos com os “normais”.

Werneck (1997) esclarece que há uma inter-relação entre o movimento da inclusão escolar e a busca de uma sociedade para todos. Este movimento, liderado por organismos internacionais, governos, organizações não governamentais, grupos e categorias sociais mais ou menos organizados, deve ser entendido no contexto das relações sociais, políticas e econômicas, pois traduz uma ideologia dominante, o neoliberalismo, ocasionada pelo processo de globalização.

Ao mesmo tempo em que divulga uma sociedade para toda a globalização gera um processo de desigualdade, na medida em que define os modos de participação social disponíveis para os sujeitos.

A idéia de inclusão social diz respeito às formas de participação de indivíduos e grupos nos espaços, político, econômico e cultural. Já o conceito de inclusão escolar, que se deriva da inclusão social, é entendido como um processo mais abrangente de socialização e exercício da cidadania.

“A idéia de escola para todos começa a ser concretizada com a abertura de suas portas para receber os excluídos, mantendo-se, porém, em essência, as mesmas e precárias condições oferecidas aos que já estavam supostamente incluídos” (SOUZA & GÓES, 1999, p.146)

Skiliar (2005) diz que a educação de crianças especiais é um problema educativo como é também o da educação de grupos minoritários: crianças de rua, ciganos, indígenas, adultos analfabetos, que sofrem exclusões parecidas desde o processo educativo. O fato de incluir a educação das crianças especiais dentro da discussão educativa global não significa incluí-los fisicamente nas escolas comuns, mas hierarquizar os objetivos filosóficos, ideológicos e pedagógicos da educação especial.

Se os já incluídos não vêm atendidas suas necessidades educativas mais elementares, como esperar que haja disponibilidade dessa mesma escola em se preparar para receber os excluídos, como propõe a Declaração de Salamanca e a própria LDB (Lei 9.394/96) a em seu capítulo V, artigo 58, que prevê serviço de apoio especializado e professores especializados e capacitados para atender aos portadores de necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino?

Nos anos 60 e 70 a prática da integração baseou-se no modelo clínico-terapêutico, segundo o qual tínhamos que habilitar reabilitar e educar a pessoa com deficiência para que tivesse condições de ser aceita na sociedade.

Já a inclusão esta fundamentada no modelo social da deficiência que prescreve nossa tarefa de modificar a sociedade (escolas, empresas, programas, ambientes físicos etc.) para torná-la capaz de acolher todas as pessoas que, uma vez incluídas nessa sociedade em constante modificação, poderão ter suas necessidades, comuns e especiais atendidas.

O sistema educacional é que deve adaptar-se para atender as necessidades específicas de todos os alunos- escolas inclusivas -, e não os alunos se adaptarem ao sistema educacional- escolas integradoras.

“[...] Inclusão, portanto não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades educacionais especiais na classe comum, ignorando suas necessidades especiais, mas significa dar ao professor e a escola o suporte necessário a sua pedagogia.” (SASSAKY, 1997, p.40)

Na atualidade é impossível tratar sobre a política de inclusão de surdos sem nos remeter às diferentes visões de surdez e de surdos.

As pessoas surdas têm sofrido, assim como muitos outros grupos minoritários, as conseqüências de uma política educacional homogeneizadora que se mostra democrática e culturalmente vinculada. Esses indivíduos sofrem duplamente os preconceitos sociais: são vistos como deficientes, incapazes, por não se moldarem (pelo menos aparentemente) às exigências do mercado.

Segundo Sá (2002), a prática fundamentada na abordagem oralista, que prevê a superioridade da língua oral (majoritária) sobre a língua de sinais e que toma como língua vinculadora de todo processo ensino-aprendizado dos surdos, é que nesse contexto o ensino de surdos foi um modelo clínico e assistencialista que gerou mais de um século de fracasso/exclusão escolar dos aprendizes surdos- que, na sua maioria esmagadora, (ouvinte) não alcançou os níveis complexos de escolaridade e sim foi condenado a viver sem acesso à língua da comunidade majoritária (nem na modalidade escrita, nem na oral) e, até mesmo, sem o acesso à língua de sinais.

Além do aspecto lingüístico e cognitivo, o enfoque bilíngüe leva a outras discussões sobre a visão da surdez introduzindo o fator cultural como ponto que diferencia surdo e ouvintes. Nesse sentido, Sacks (1990) define o surdo como aquela pessoa que não ouve o suficiente para processar informações lingüísticas, pela via de acesso mais comum, a via oral, criando para isso, uma entidade lingüística e cultural própria. Esse conceito reflete uma visão sociocultural da surdez concebendo-a em seus aspectos sociais, lingüísticos e culturais. No tocante à temática sobre uma cultura de surdos divergente de uma cultura ouvinte, é relevante e suscita uma maior investigação, sendo, até hoje, tema central em muitos debates científicos da área.

Arcoverde (2004) reconhece que surdos e ouvintes, apesar de suas diferenças lingüísticas, possuem uma mesma organização social e vivem muitos aspectos culturais semelhantes. Torna-se necessário, assim, seguindo o pensamento de Arcoverde (2004), que se considere a criação de laços interdiscursivos e plurilingüísticos que vão permitir a apropriação de um saber social e cultural abrangente.

A língua de sinais é de extrema relevância para uma abordagem educacional e oferecer uma educação de qualidade que reconheça o surdo e sua diferença. É a língua de sinais que permite a funcionalidade da linguagem, chave para o desenvolvimento potencial de estruturas profundas de pensamento.

Para aprofundar essas questões a respeito da auto exclusão ou do isolamento do surdo, utilizou-se dados da pesquisa Figurações Culturais Surdos na

Contemporaneidade (2009) realizada durante o curso de *Especialização em Estudos Surdos*, coordenado pelo Centro SUVAG de Pernambuco em parceria com a Faculdade Santa Helena, e subsidiada financeiramente pela Secretária Estadual de Educação.

A referida pesquisa foi construída de forma coletiva e com a participação direta de professores e alunos do referido curso e aplicada a estudantes surdos, professores de surdos e pais com filhos surdos.

Pretendeu-se, com esta pesquisa, apreender a realidade educacional, social, política, cultural e econômica dos Surdos, sobretudo daqueles que freqüentam a rede pública de ensino.

Para cada grupo populacional investigado, foi elaborado um questionário envolvendo os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da vida do surdo. No total, foram três questionários categorizados de acordo com o entrevistado, a saber: pais de surdos, professores de surdos e alunos surdos.

De acordo com a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos como participantes deve ser avaliada por um comitê de ética em pesquisa, geralmente vinculado a instituições autorizadas. Seguindo a resolução, o projeto de pesquisa (Figurações Culturais: Surdos na Contemporaneidade) foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, e foi aprovado sob o número de protocolo UFPE 319/08.

Como a presente monografia pretende fazer a análise das diferentes visões sobre isolamento e integração do surdo, optou-se por escolher questões dos diversos grupos que constituíram o universo da pesquisa que visassem o mesmo objetivo relacionado com o tema proposto. Foram realizadas 49 entrevistas com estudantes de ensino fundamental e médio, sendo 36 com estudantes do ensino fundamental e 13 com estudantes do ensino médio; 8 entrevistados com universitários; 43 entrevistas com os pais e 35 entre os professores.

Dentro dessa dinâmica, o presente estudo, intitulado Auto-isolamento ou exclusão: as diferentes visões sobre os surdos, estudarmos e analisarmos os enfoques do grupo surdo como minoria lingüística de uma língua visual e as dificuldades de grupos ouvintes e surdos na socialização e integração verso exclusão e/ou auto-isolamento em decorrência do desconhecimento, preconceito e etnocentrismo. Os olhares sobre um fato que é observado de forma diferente conforme o ponto de vista.

Os movimentos de grupos sociais se estruturam pelo direito da identidade cultural de um grupo e no confronto de grupos surge o grupo reagente ao outro. Daí A formação de comunidades surdas, segundo o ponto de vista dos surdos, e o pertencimento de identidade ou identificação com a cultura em comum.

Para a maioria dos ouvintes, essa comunidade seria uma forma de auto-exclusão.

Dentro dessa dinâmica, o presente estudo, intitulado ***“Auto-isolamento ou exclusão: as diferentes visões sobre o Surdo”*** é uma monografia realizada com enfoque investigatório em língua, socialização, discriminação e cultura. Tem como objetivos: situar as diferentes visões sociais sobre o “Ser Surdo”, mapear as dificuldades comunicacionais enfrentadas pelos surdos na escola e na família; Investigar que aspectos levam os surdos a um processo de auto-isolamento social; analisar os aspectos de exclusão do surdo advindos do processo escolar, familiar e social, baseadas na percepção de pais, professores e dos próprios sujeitos surdos. Para isso, foram analisados dados coletados dos questionários da pesquisa coletiva Figurações Culturais Surdos na Contemporaneidade. As perguntas utilizadas para essa análise, assim como as respostas adquiridas e as reflexões levantadas, serão apresentadas a seguir, distribuídas em 04 (quatro eixos).

3.1 Discussão sobre dados da Pesquisa Figurações Culturais – Os surdos na Contemporaneidade (2009)

As idades dos entrevistados variaram em maior índice entre 26 a 30 anos, entre os universitários, no universo dos estudantes; entre os pais foram de 36 a 40 anos, os professores entre 41anos a 50 anos.

Constatamos também um índice maior de alunos cursando o ensino fundamental II que no ensino médio.

Na condição familiar de pais de surdos, foi maior a frequência de mães às entrevistas.

Dentro do quadro de professores um percentual de 99,9% ouvintes e 1% surdos.

3.1.1 SEXO

Quadro I – Sexo – Estudante

Sexo	Entrevistado	Percentuais %
Masculino	36	73%
Feminino	13	27%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa- Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Quadro II – Sexo – Universitário

Sexo	Entrevistado	Percentuais %
Masculino	02	25%
Feminino	06	75%
Total	08	100%

Fonte: Pesquisa- Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Quadro III Sexo – Pais

Sexo	Entrevistado	Percentuais %
Masculino	07	16%
Feminino	36	84%
Total	43	100%

Fonte: Pesquisa- Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Quadro IV – Sexo – Professor

Sexo	Entrevistado	Percentuais %
Masculino	07	20%
Feminino	28	80%
Total	35	100%

Fonte: Pesquisa- Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

3.1.2 IDADE

Quadro V – Estudante

Idade	Entrevistados	Percentuais %
10 – 15	09	18%
16 – 20	11	22%
21 – 25	22	46%
26 – 30	02	4%
Mais de 30	04	8%
NR	01	2%
Total	49	100%

Fonte: Pesquisa- Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Quadro VI – Universitário

Idade	Entrevistados	Percentuais %
21 a 24	04	49%
25 a 26	03	38%
Acima de 29	01	13%
Total	08	100%

Fonte: Pesquisa – Figurações Culturais. Surdos na Contemporaneidade (2009)

Quadro VII – Pais

Idade	Entrevistados	Percentuais %
30 a 35	06	14%
36 a 40	15	36%
41 a 45	07	16%
46 a 50	04	9%
51 a 55	03	7%
56 a 59	04	9%
Acima de 60	03	7%
Nula	01	2%
Total	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro VIII – Professor

Idade	Entrevistados	Percentuais %
20 a 30	02	6%
31 a 40	09	26%
41 a 50	17	48%
Acima de 50	07	20%
Total	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

3.1.3 NÍVEL DE ESCOLARIDADE

Quadro IX– Escolaridade - Estudante

Idade	Entrevistados	Percentuais %
Fundamental	36	73%
Médio	13	27%
Total	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro X - Com quem aprendeu libras – estudantes surdos

E 30 – QUEM ENSINOU LIBRAS A VOCÊ?	TOTAL	Percentuais %
A) Pai	-	-
B) Mãe	06	9%
C) Irmão/Irmã	01	2%
D) Outro Parente	02	3%
E) Amigos Surdos	30	45%
D) Professor Surdo	13	20%
E) Professor Ouvinte	10	15%
F) Outra Pessoa	-	-

G) Outras. Quais?	04	6%
99)NS	-	-
00) NR	-	-
Branco	-	-
TOTAL	66	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

3.1.4 LIBRAS

Quadro XI - Com Quem Aprendeu Libras – Universitário Surdo

U 30 – Quem Ensinou Libras a Você?	TOTAL	Percentuais %
A) Pai	-	-
B) Mãe	02	12%
C) Irmão/Irmã	01	6%
D) Outro Parente	02	12%
E) Amigos Surdos	02	12%
D 2) Professor Surdo	05	6%
E2) Professor Ouvinte	02	12%
F) Outra Pessoa	01	6%
G) Outras. Quais?	02	12%
99) NS	-	-
00) NR	-	-
Em Branco	-	-
TOTAL	17	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XII – Quem ensinou Libras ao filho surdo – (Questionário dos Pais)

PA 33 - Quem Ensinou Libras ao Filho (A)	Total	Percentuais %
A) Pai	-	-
b) Mãe	01	2%
C) Irmão/irmã	-	-
D) Outro parente	05	9%
E) Amigos surdos	16	30%
D2) Professor surdo	09	17%
E2) Professor Ouvinte	21	40%
F) Outra Pessoa	-	-
G) Qual	01	2%
99) Não Sabe	-	-
00) Não Respondeu	-	-
Em Branco	-	-
Total	53	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Na questão quem ensinou Libras a você, 45,45% dos estudantes, disseram terem aprendido com amigos surdos. Entre os universitários, 29,44% aprenderam com um professor surdo. Entre os pais, 39,65% responderam que seus filhos aprenderam com professor ouvinte e os professores (17,10%) aprenderam Libras com professores surdos.

Identificar-se com seus iguais leva ao aprendizado em se apropriar de sua língua e a ingressar em sua cultura, construindo a sua identidade e se organizando como membro de um grupo social. A língua de sinais não é adquirida pelas famílias com bebês surdos e conseqüentemente a construção da identidade desse sujeito surdo sofre um processo de imposição da cultura ouvintista.

A língua de sinais não é só para surdos também é possível para os ouvintes. O acesso aos conhecimentos de sua questão lingüística e pertencimento cultural não está sendo observado na comunidade escolar. O surdo irá se integrar se houver acessibilidade, o que significa que a sociedade o acolha; esse acolhimento começa na família e na escola, aí ele vai começar a se integrar. Então a inclusão acontece a partir de dois momentos: da construção social de toda a sociedade que entende e acolhe, e dos surdos que vão participar porque se sentem acolhidos.

É necessário o professor surdo e há poucos, porém os universitários aprenderam Libras com professor surdo. Sabemos que os professores ouvintes não são fluentes em Libras e muitos precisam de um interprete.

Os pais referem que seus filhos aprenderam libras com professor ouvinte. É de se esperar que se há um quantitativo restrito de professor surdo bem como do não conhecimento e utilização da Libras entre os familiares, o sujeito surdo aprende Libras principalmente com amigos e professores surdos.

Já entre o universo dos professores estes aprenderam libras com professor surdo. Há uma necessidade de qualificar o professor ouvinte na língua de sinais com um professor surdo, o que vem confirmar que o professor surdo é o mais indicado por questões lingüísticas e de pertencimento cultural.

A criança surda necessita de professores surdos, usuários naturais da língua de sinais. O imaginado é que os sujeitos surdos tenham contato com os outros surdos que constituem o povo surdo, onde acontece o seu desenvolvimento como sujeito diferente, sendo um centro de encontro com o semelhante para que desenvolva sua identidade cultural - daí a importância de termos escolas de surdos.

Quadro XIV - A 1º vez que viu libras - estudante

E 22 – A Primeira Vez Que Você Viu Libras Foi...	Total	Percentuais %
A) Na família	01	2%
B) Entre surdos adultos	07	13%
C) Entre surdos jovens	05	9%
D) Entre crianças surdas	02	4%
E) Entre amigos	03	6%
F) Na escola	23	42%
G) Na igreja	-	-
H) Na TV	01	2%
I) Outro. Qual?	11	20%
99)NS	01	2%
00) NR	-	-
BRANCO	-	-
TOTAL	54	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XV – A 1º vez que viu libras - Universitário

U 22 – A Primeira Vez Que Você Viu Libras Foi...	Total	Percentuais %
A) Na Família	-	-
B) Surdos Adultos	01	6%
C) Surdos Jovens	-	-
D) Crianças Surdas	-	-
E) Amigos	01	6%
F) Na Escola	05	31%
G) Na Igreja	-	-
H) Na TV	-	-
I) Outro. Qual?	01	6%
99) NS	-	-
00) NR	-	-
Em Branco	08	51%
TOTAL	16	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XVI - A primeira vez que viu Libras - Pais

PA 25. Onde Viu Libras Pela Primeira Vez?	Total	Percentuais %
a) Na família	04	9%
b) Entre surdos adultos	04	9%
c) Entre surdos jovens	07	16%
d) Entre crianças surdas	01	2%
e) Entre amigos	02	5%
f) Na escola	21	47%
g) Na igreja	-	-
h) Na TV	02	5%
i) Outros? Quais?	02	5%
Não sabe	-	-
Não respondeu	-	-
Em branco	-	-
Nulo	01	2%
TOTAL	44	100

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XVII - Primeira vez que viu libras - Professor

PR 27 – A Primeira Vez Que Você Viu Libras Foi:	Total	Percentuais %
a) Na família	02	6%
b) Entre surdos adultos	03	9%
c) Entre surdos jovens	04	10%
d) Entre crianças surdas	03	9%
e) Entre amigos	01	3%
f) Na escola	17	48%
g) Na igreja	01	3%
h) Na TV	02	6%
i) Outro (a). Qual?	02	6%
99) NS	-	-
00) NR	-	-
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

A primeira vez que viu Libras, 42,59% dos estudantes dizem ter sido na escola, bem como universitários (62,05%), pais (47,72%) e professores (51,51%). A escola é um lugar de aprendizagem entre os pares; o que parece ser um lugar de convivência, onde há identificação e diferenças.

A escola é o lugar de contato com outros surdos e é nesse contato que o surdo aprende a ser surdo, ou seja, a se identificar com seus iguais, a se apropriar de sua língua e ingressar em sua cultura. O aluno surdo inserido no espaço educacional de alunos ouvintes, sem o suporte adequado, sua língua aparece pouco e desfigurada, bem como sua cultura. Como esse aluno vai ter acesso aos conhecimentos de sua questão lingüística e pertencimento cultural se isto não está sendo observado na comunidade escolar? É preciso promover o encontro entre pares e com um professor que tenha conhecimento e domínio dos recursos necessários. Um aluno surdo na classe de ouvintes com um professor pouco preparado que não seja fluente em libras necessita de um interprete.

A escola é o contato com outros surdos e é nesse contato que o surdo aprende a ser surdo, ou seja, a se identificar com seus iguais, a se apropriar de sua língua e ingressar em sua cultura. O aluno surdo inserido no espaço educacional de alunos ouvintes, sem o suporte adequado sua língua aparece pouco e desfigurada, bem como sua cultura. Como esse aluno vai ter acesso aos conhecimentos de sua questão lingüística e pertencimento cultural se isto não esta sendo observado na comunidade escolar? É preciso promover o encontro entre pares e com um professor que tenha conhecimento e domínio dos recursos necessários. Um aluno surdo na classe de ouvintes com um professor pouco preparado que não seja fluente em libras necessita de um interprete.

Quadro XVIII - Uso de Libras- Estudante

E 06 – Você Usa Libras?	Total	Percentuais %
Sim	49	100%
Não	-	-
00) NR	-	-
Branco	-	-
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XIX - Uso de Libras - Universitários

U 06 - Você Usa Libras?	Total	Percentuais %
A) Sim	08	100%
B) Não	-	-
00) NR	-	-
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XX Uso de libras - Pais

PA 06 – Você Usa Libras?	Total	Percentuais %
a) Sim	15	34%
b) Às Vezes	14	33%
c) Não	14	33%
Não Respondeu	-	-
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXI Uso de libras - Professor

PR 06 - Você Usa Libras?	TOTAL	Percentuais %
A) Sim	20	57%
B) Não	15	43%
00) NR	-	-
Em Branco	-	-
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Entre estudantes e universitários, 100% usam a Libras; pais (34,90%) e 32,55% não usam e 32,55% às vezes fazem uso. Os professores, 57,14% usam a Libras e 42,86% não a usam.

Dentro desses percentuais, constatamos que é entre os surdos o maior índice de percentuais do uso da Libras, ou seja, de surdo para surdo. A língua de sinais

não é só um instrumento de comunicação mais de transformação das relações sociais, culturais e institucionais no que se refere às representações do ser surdo.

A língua de sinais permite ao surdo ser o que sempre foram e serão: surdos.

A língua de sinais precisa ser adquirida pelas famílias de surdos. Se a família tem língua de sinais, ela não vai ter dificuldades em educar seu filho. Essa diferença entre o surdo e o ouvinte impõe mudar a representação da surdez, construir a identidade surda e atentar para as narrativas dos próprios surdos. É na família onde deveria partir essa mudança.

Quadro XXII - Fluência em Libras – Estudante

E 60 – Você é Fluente em Libras?	Total	Percentuais %
A) Sim	41	84%
B) Não	04	8%
00) NR	01	2%
Branco	03	6%
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXIII - Fluência em libras – Universitários

U 60 – Você é Fluente em Libras?	Total	Percentuais %
A) Sim	08	100%
B) Não	-	-
00) NR	-	-
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXIV - Fluência em libras – Pais

PA 77 - Seu Filho(o) Surdo(a) é Fluente em Libras	TOTAL	Percentuais %
A) Sim	38	88%
B) Não	05	12%
00) Não Respondeu	-	-
99) Não Sabe	-	-
Em Branco	-	-
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXV - Fluência em libras – Professores

PR 65 – Você É Fluente Em Libras?	TOTAL	Percentuais %
A) Sim	12	34%
B) Não	22	63%
00) NR	-	-
Em Branco	01	3%
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

São fluentes em Libras, 83,67% de estudantes e 100% de universitários. Os pais relatam que seus filhos são fluentes em Libras em 88,37%. No universo de professores, 34,38% são fluentes e 62,85% não são.

Há um despreparo dos professores para lidarem com os alunos surdos. Isso pode ser observado pela ausência de procedimentos metodológicos que privilegiassem a experiência visual do surdo no processo de ensino, de aprendizagem e de comunicação. Mediante isso, percebe-se que a simples inserção do aluno na escola regular não provoca mudanças nas atitudes dos professores, diferentemente do que vem sendo discutido nas propostas de integração/inclusão.

O ponto de partida ao se implantar uma proposta educacional que obtenha avanços é a formação de professores para educação de surdos e mais para se comunicarem com surdos e ensiná-los. E isso exige “um bom conhecimento em

língua de sinais pelo professor [que] é condição necessária e mínima, para quem possa, de fato, dizer-se professor de surdo”. (SOUZA, 2000, p.86). Existe um percentual de 62.85% dos professores que não são fluentes em Libras. Para um educador de surdo o pouco domínio da língua de sinais concorre para o desconhecimento de toda comunidade escolar das reais implicações da surdez e a dominância dos estereótipos da deficiência no ambiente escolar, que configura a falta de oportunidade para as crianças surdas. Essas desenvolvem identidades fragmentadas e contraditórias, tendo baixa acessibilidade aos conhecimentos propostos.

Quadro XXVI - Onde gosta mais de usar Libras - Estudantes

E33 - Onde Você Gosta Mais De Usar Libras?	Total	Percentuais %
A) Em casa	04	7%
B) Na Escola	25	43%
C) Na Igreja	02	4%
D) No Shopping	08	14%
F) Na Rua	05	9%
G) Na Praia	01	2%
H) Em Outros Lugares. Quais?	12	21%
99) NS	-	-
00) NR	-	-
Branco	-	-
TOTAL	57	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXVIII - Onde gosta mais de usar Libras – Universitários

U 33 - Onde Você Gosta Mais De Usar Libras?	Total	Percentuais %
A) Em Casa	01	13%
B) Na Faculdade	01	13%
C) Na Igreja	-	-
D) No Shopping	01	13%
F) Na Rua	02	24%
G) Na Praia	-	-
H) Em Outros Lugares. Quais?	03	37%
99) NS	-	-
00) NR	-	-
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Obs.: um entrevistado não especificou a alternativa

Quadro XXVIII - Onde seu filho gosta mais de usar Libras – Pais

PA 36 - O Onde Seu (A) Filho (A) Gosta Mais De Usar Libras?	Total	Percentuais %
a) Em casa	09	12%
b) Na escola	33	44%
c) Na igreja	08	11%
d) No shopping	06	8%
f) Na rua	05	7%
g) Na praia	05	7%
h) Em outros lugares	08	11%
99) Não Sabe	-	-
00) Não Respondeu	-	-
Em Branco	-	-
Total	74	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXVIII - Onde seus alunos surdos gostam mais de usar Libras - Professores

PR 44 - Na Sua Opinião, A Maioria De Seus Alunos(As) Surdos (As) Gostam Mais De Usar Libras:	Total	Percentuais %
a) Em casa	10	8%
b) Na escola	31	25%
c) Na igreja	13	11%
d) No shopping	23	19%
f) Na rua	10	8%
g) Na praia	19	16%
h) Em outros lugares. Quais?	11	9%
00) NR	04	3%
99) Não Sei	01	1%
TOTAL	122	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Onde os estudantes mais gostam de usar Libras é na escola com 43,85%. Os pais desses estudantes também referem com 44,59% que seus filhos usam a língua na escola, bem como os professores (25,40%).

A escola é o lugar onde o surdo mais gosta de usar a Libras, pois é o lugar onde encontra seus pares.

Perlin (2000, p.23) observa que “se a base da cultura surda não estiver presente no currículo, dificilmente o sujeito irá percorrer a trajetória de sua nova ordem, que será oferecida na pista das representações inerentes às manifestações culturais”.

É preciso avançar com a escola inclusiva, entendendo que essa prática, se baseia na aceitação das diferenças individuais, valorização de cada pessoa e a aprendizagem por meio da cooperação. Portanto, a escola tem que rever seu papel, seu currículo, suas concepções. Entende-se que estamos construindo essa escola, nas palavras de Sá (1998, p.188):

“É preciso que se diga que a escola inclusiva não é sinônimo de escola regular [...] Devemos lutar pela escola inclusiva caso esta inclusão interesse ao grupo ao qual a proposta se dirija”. (SÁ 1998, p.188)

Impor um tipo de escola a um grupo é uma forma de opressão não de inclusão.

Na verdade, o fundamental é assegurar as condições necessárias ao seu desenvolvimento, tais como: a língua de sinais como principal meio de comunicação e ensino; a capacitação dos professores nessa língua e na cultura surda; a proposição de um currículo que contemple as especificidades do aluno surdo e sua cultura.

Independentemente do espaço (escola regulares ou escola para surdos) onde tais condições venham a ocorrer, o que se impõe é oportunizar que a vontade da comunidade surda se realize: que os surdos sejam incluídos num processo verdadeiramente educacional (desejo, aliás de toda a população brasileira excluída do acesso a um sistema educacional de qualidade).

Os professores ouvintes não sabem bem a língua de sinais ou desconhecem alguns sinais e os professores surdos ajudam neste sentido e os professores

ouvintes pedem apoio ao professor surdo na explicação dos conteúdos de forma mais clara para os alunos surdos. Os alunos aprendem melhor com professor surdo. Os professores ouvintes não têm condições de ensinar, pois são limitados em Libras.

Quadro XXX - Libras têm o mesmo valor de uma língua oral - Estudante

E 32 - Você Concorda Que Libras Tem O Mesmo Valor Que Língua Oral (Português, Inglês, Francês...)?	Total	Percentuais %
A) Concordo	39	80%
B) Não Concordo	05	10%
00) NR	04	8%
Branco	01	2%
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXI - Libras têm o mesmo valor de uma língua oral - Universitário

U 32 - Você Concorda Que Libras Tem O Mesmo Valor Que Língua Oral (Português, Inglês, Francês...)?	Total	Percentuais %
A) CONCORDO	05	62%
B) NÃO CONCORDO	02	25%
00) NR	01	13%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXII – Libras têm o mesmo valor de uma língua oral – Pais

PA 35 – Concorda Que Libras Têm O Mesmo Valor Que Qualquer Língua Oral?	Total	Percentuais %
A) Concorda	42	98%
B) Não Concorda	-	-
C) Não Sabe	-	-
00) Não Respondeu	01	2%
B) Em Branco	-	-
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

PR 42 - Você Concorda que Libras Têm o Mesmo Valor que qualquer Língua Oral? (Português, Inglês, Francês...)	Total	Percentuais %
---	--------------	----------------------

A) Sim	32	91%
B) Não	02	6%
00) NR	01	3%
TOTAL	35	100%

Quadr
o
XXXIII
–
Libras
têm o

mesmo valor de uma língua oral – Professores

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Entre os estudantes, 79,59% concordam que a Libras tem o mesmo valor que qualquer língua oral. No quadro de universitários, 62,50%, pais 97,67% e professores, 91,42% também destacam o valor da Libras como língua.

3.1.5 CULTURA E LÍNGUA

Quadro XXXIV – Cultura e Língua – Estudantes

E 89 – Em Sua Opinião Os Surdos Têm Cultura E Língua Própria?	Total	Percentuais %
A) Sim	33	68%
B) Não	04	8%
C) NR	10	20%
D) Branco	02	4%
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXV – Cultura e Língua – Universitários

U 89 – Na Sua Opinião Os Surdos Tem Cultura E Língua Própria?	Total	Percentuais %
A) Sim	05	62%
B) Não	-	-
C) NR	-	-
D) Branco	03	38%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXVI – Cultura e Língua – Pais

PA 115 – Na Sua Opinião Os Surdos Tem Cultura e Língua Própria?	Total	Percentuais %
A) Sim	38	88%
B) Não	-	-
C) NS	02	5%
D) NR	01	2%
D) Branco	02	5%
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXVII – Cultura e Língua – Professores

PR 113 – Na Sua Opinião Os Surdos Tem Cultura E Língua Própria?	Total	Percentuais %
A) Sim	29	82%
B) Não	03	9%
C) NS	03	9%
D) NR	-	-
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Os surdos têm um referencial diferente com características e formas de adaptação também diferentes. Estruturado para o visual, portanto esse é um diferencial de todo o mais que se refere a esse individuo, obviamente vão ter que construir identificadores para suas funcionalidades. O que se fala de cultura poderá ser dito como sendo essas formas específicas e próprias de um grupo.

O que se vê aqui são dados identificatórios de um grupo minoritário que reivindica seus direitos e respeito por funcionar de maneira diferente do auditivo; por ser visual se estrutura de forma diferenciada em todo contexto de aprendizado.

Os ouvintes, no afã da nova experiência do confronto ouvinte/surdo, busca nos outros a possibilidade de expressão da diferença ouvinte.

A lógica passa a ser a de reconhecimento de que há a civilização da fala, da escuta, da leitura, e que há também, a civilização dos surdos, da língua de sinais, da expressão corporal, do olhar.

Para haver um processo de negociação, a relação a ser estabelecida deve ser na perspectiva de entender o eu do outro. Somente quando isso for possível da parte dos ouvintes em relação aos surdos e da parte dos surdos em relação aos ouvintes, o diálogo poderá ser restabelecido.

3.1.6 PARTICIPAÇÕES EM GRUPOS CULTURAIS

Quadro XXXVIII – Participações em Grupos Culturais – Estudantes

E 90-Você Participa de Grupos Culturais?	Total	Percentuais %
A) Sim	30	62%
B) Não	11	22%
C) NR	07	14%
D) Branco	01	2%
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XXXIX – Participações em Grupos Culturais – Universitários

U 90-Você Participa de Grupos Culturais?	Total	Percentuais %
A) Sim	05	62%
B) Não	-	-
C) NR	-	-
D) Branco	03	38%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XL – Participações do filho surdo em grupos culturais – Pais

PA 116 - Você Sabe Se Seu(A) Filho(A) Surdo(A) Participa De Grupos Culturais?	Total	Percentuais %
A) Sim	14	37%
B) Não	22	58%
C) NR	-	-
D) Branco	02	5%
TOTAL	38	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XLI – Participações dos alunos surdos em grupos culturais – Professores

PR 114 - Em Geral Os Alunos(As) Surdos(As) Participam De Atividades Culturais?	Total	Percentuais %
A) Sim	26	73%
B) Não	02	6%
C) NS	03	9%
C) NR	03	9%
D) Branco	01	3%
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Os estudantes em 61,22% participam de grupos culturais, bem como os universitários (62,50%). Porém os pais em 51,16% disseram não saber se os filhos surdos participam de grupos culturais o que representa um desconhecimento do mundo surdo e da necessidade do sujeito surdo na sua identidade e reconhecimento de sua cultura, e isso partindo do contexto familiar que é a base estrutural do indivíduo. É na família que se aprende a ser pessoa. E a família desconhece o universo e o nega como tal; conduzindo-o ao universo ouvinte que o desrespeita e o auto-isola; excluindo-o.

3.1.7 ASSPE

Quadro XLII – ASSPE – Estudante

E108-Você Vai A ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Pouco	04	9%
B) Às Vezes	15	35%
C) Muito	09	21%
D) Não Freqüenta	15	35%
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XLIII – ASSPE – Universitário

U 108-Você Vai A ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Pouco	-	-
B) Às Vezes	05	62%
C) Muito	-	-
D) Não Freqüenta	-	-
E) NR	-	-
F) Em Branco	03	38%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XLIV – ASSPE – Pais

PA 127-Você Freqüenta A ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Pouco	01	2%
B) Às Vezes	02	5%
C) Muito	-	-
D) Não Freqüenta	38	88%
E) NR	02	5%
F) Branco	-	-
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

PR 127 – Você Freqüenta a ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Sim	04	11%
B) Não	31	89%
C) NR	-	-
D) Em Branco	-	-
TOTAL	35	100%

**Quadro XLV –
ASSPE –
Professores**

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Os estudantes com 30,61% às vezes freqüentam ou não freqüentam a ASSPE. Os universitários (62,50%) às vezes freqüentam. Os pais com 88,38% não freqüentam, bem como os professores com 88,57%.

Esse item reforça o que foi dito anteriormente sobre a família desconhecer o sujeito surdo, suas necessidades, cultura e identidade. Mas é na família que se dá a origem da estruturação individual e interpessoal familiar bem como dos valores, da ética, da cultura. E como fica o indivíduo que é “estrangeiro”, de outra cultura dentro desse quadro familiar sem o conhecimento e interesse por essa troca de diferenças culturais?

Quadro XLVII - O que mais gosta de fazer na ASSPE - Universitário

U 109-O Que Você Mais Gosta De Fazer Na ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Conversar com os Surdos	03	23%
B) Participar das Festas	04	30%
C) Conhecer Novos Surdos	01	8%
D) Namorar com Surdos	01	8%
E) Outra	01	8%
F) NR	-	-
G) Branco	03	23%
TOTAL	13	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro XLVIII – O que mais gosta de fazer na ASSPE – Professores

PR 128 - O Que Lhe Motiva a Freqüentar a ASSPE?	Total	Percentuais %
A) Aprender Mais Libras	02	5%
B) Conversar com os Surdos	02	5%
C) Participar das Festas	-	-
D) Participar das Comemorações	03	7%
E) Conhecer Novos Surdos	01	3%
F) Namorar Com Surdos	01	3%
G) Observar e Aprender a Cultura Surda	01	3%
H) Outra	01	3%
I) NS	-	-
J) NR	-	-
L) Não Compete	28	71%
TOTAL	39	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Com 30,79% os universitários mostram que o que mais gostam de fazer na ASSPE, é participar das festas, enquanto os estudantes gostam mais de conversar com os surdos (22,85%), participar das festas (22,90%) e conhecer novos surdos (22,90%). Os pais (88,38%) não freqüentam a associação e os professores (71,83%) também não. Durante muito tempo, devido ao processo de imposição culturais ouvintes no povo surdo ocorrem um acesso restrito à cultura surda, por causa de lutas de relações de poder em ambos os lados. Mas naturalmente o povo surdo luta com garra e força por reconhecimento da representação de diferença cultural e identidade surda.

E 68 – Você Tem Amigos Ouvintes Na Escola?	Total	Percentuais %
A) Sim	35	71%
B) Não	14	29%
C) Não Respondeu	-	-
E) Em Branco	-	-
TOTAL	49	100%

3.1.8
SOCI
ALIZA
ÇÃO
Quadr

o XLXIX – Amigos Ouvintes – Estudantes

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro L – Amigos Ouvintes - Universitário

U 68 – Você Tem Amigos Ouvintes na Faculdade?	Total	Percentuais %
A) Sim	05	62%
B) Não	02	25%
C) NR	-	-
D) Em Branco	01	13%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LI – Alunos surdos têm Amigos Ouvintes – Professores

PR 88 – Seus Alunos(as) Surdos(as) Tem Amigos Ouvintes?	Total	Percentuais %
A) Sim	32	91%
B) Não	-	-

C) Não Sabe	03	9%
D) Não Respondeu	-	-
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

É de se esperar que os surdos tenham amigos ouvintes, pois o universo de ouvintes é dominante. O surdo não tem sua cultura conhecida. Ele é, desde criança, inserido na cultura ouvinte; sem conhecimento de pertencer a uma cultura própria.

Quadro LII – Amigos Surdos– Estudante

E 111 – Você Tem Amigos Surdos?	Total	Percentuais %
A) Sim	49	100%
B) Não	-	-
C) Não Respondeu	-	-
E) Em Branco	-	-
TOTAL	49	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LIII – Amigos Surdos– Universitários

U 111 – Você Tem Amigos Surdos?	Total	Percentuais %
A) Sim	05	62%
B) Não	-	-
C) Não Respondeu	-	-
E) Em Branco	03	38%
TOTAL	08	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LIV – Amigos Surdos– Pais

PA 129 – Você Tem Amigos Surdos?	Total	Percentuais %
A) Sim	31	72%
B) Não	11	26%
C) Não Respondeu	-	-
E) Em Branco	01	2%
TOTAL	43	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LV – Amigos Surdos– Professores

PR 130 – Você Tem Amigos Surdos?	Total	Percentuais %
A) Sim	19	54%
B) Não	16	46%
C) Não Respondeu	-	-
E) Em Branco	-	-
TOTAL	35	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

É necessário no processo de autoconhecimento e identidade o aproximar-se de seus iguais; pares ou grupos identificatórios.

Os surdos precisam desse referencial para se constituir enquanto diferente com cultura própria.

O sujeito surdo necessita do contato com usuários naturais de língua de sinais e com cultura própria em seu processo de construção de identidade educacional. O imaginado é que os surdos tenham contato com os outros surdos que constituem o povo surdo, onde acontece o seu desenvolvimento como sujeito diferente.

Os surdos necessitam de espaços onde a língua de sinais seja a língua de instrução, em um ambiente cultural e social que se fortaleça e consolide um grupo que se diferencia a partir da experiência visual.

A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e na maioria das vezes, fica

U150 – Como Você se Relaciona com os Colegas Ouvintes da Classe e de Outros Cursos da Faculdade?	Total	Percentuais %
A) Através de Libras	04	45%
B) Através da Intérprete	01	11%
C) Através de Mímica	02	22%
D) Não me Relaciono	02	22%
E) NR	-	-
TOTAL	09	100%

com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os

sujeitos surdos, ou os tratam de forma paternal, como “coitadinho”, “que pena”, ou lida como se tivesse “uma doença contagiosa” ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento.

Quadro LVII - Relacionamento do universitário com os colegas ouvintes

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LVIII - Comunicação dos pais ouvintes com os filhos surdos

PA 109 – Você Conversa com Seu(a)	Total	Percentuais
--	--------------	--------------------

Filho(a) Surdo(a) Em:		%
A) Libras	15	15%
B) Gestos	22	22%
C) Mímica	13	13%
D) Linguagem Própria	09	9%
E) Mistura de Português E Sinais	19	19%
F) Português Escrito	08	8%
G) Através de Intérprete	03	3%
H) Datilologia (Alfabeto Manual)	06	6%
I) Outra. Qual?	02	2%
J) Não Respondeu	-	-
L) Não Sabe	-	-
M) Em Branco	-	-
TOTAL	98	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LIX - Comunicação do professor ouvinte com o estudante surdo

PR 112 – Como Você Se Comunica Com Seus Alunos Surdos?	Total	Percentuais %
A) Libras	19	22%
B) Gestos	16	19%
C) Mímica	03	4%
D) Linguagem Própria	05	6%
E) Mistura de Português e Sinais	09	11%
F) Português Escrito	13	16%
G) Através de Intérprete	18	22%
H) Datilologia (Alfabeto Manual)	-	-
I) Outra. Qual?	-	-
J) Não Respondeu	-	-
L) Não Sabe	-	-
M) Em Branco	-	-

TOTAL	83	100%
--------------	-----------	-------------

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

A comunicação dos surdos é através de sua linguagem visual-gestual a Libras porem isso ocorre entre os surdos. Os pais se comunicam com seus filhos através de mímica e gestos e os professores através de Libras e do intérprete. Isso representa um quadro de que a língua do surdo ainda não é dominada ou mesmo conhecida pelo universo ouvinte. Se um sujeito surdo aprendeu a falar e a ler os lábios, isso faz muita diferença na representação social. De fato, sua identidade fica mascarada fica o surdo na sombra, com medos, angústias e ansiedades, pois para serem aceitos na sociedade é importante falar. As opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo.

Quadro LX – Família – Estudante

E 56 – Sua Família Leva Você Para?	Total	Percentuais %
A) Reuniões de Família	28	30%
B) Festas	40	42%
C) Cinema, Teatro	11	12%
D) Outros. Quais?	11	12%
E) NS	01	1%
F) NR	03	3%
TOTAL	94	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LXI – Família - Universitários

U 56– Sua Família Leva Você Para?	Total	Percentuais %
A) Reuniões de Família	05	36%
B) Festas	05	36%
C) Cinema, Teatro	02	14%
D) Outros. Quais?	02	14%
E) NS	-	-
F) NR	-	-
TOTAL	14	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LXII – Família - Pais

PA 61– Você Leva Seu(A) Filho(A) Surdo(A) Para?	Total	Percentuais %
A) Reuniões de Família	34	33%
B) Festas	35	34%
C) Cinema, Teatro	17	17%
D) Outros. Quais?	15	15%
E) NS	-	-
F) NR	01	1%
G) Em Branco	-	-
TOTAL	102	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Reuniões de família e festas foram às respostas mais freqüentes à pergunta para onde os pais levam seu filho surdo. Vemos com isso que não existe de fato uma interação social, mas, talvez, uma tentativa de integração. O indivíduo surdo está inserido na família e nas festas junto com os familiares, mas o seu grupo social de identidade (identificação) cultura e/ou referencial próprio lhes falta. Como se traduz essa socialização no desconhecimento de grupos tão distintos um do outro (surdos/ouvintes)?

Quadro LXIV - Vida social Estudante

E 21– Nas Sextas-Feiras, Sábados e Domingos Você?	Total	Percentuais %
A) Fica em Casa	23	8%
B) Fica no Computador	23	8%
C) Vê TV	26	9%
D) Vê Filmes no Vídeo	15	5%
E) Vai ao Cinema	24	9%
F) Vai Passear	30	12%
G) Vai à Praia	18	6%
H) Vai ao Shopping	23	8%
I) Vai ao Cine SUVAG	01	0%
J) Fica Lendo	12	4%
L) Pratica Esporte	19	7%
M) Vai Para o Jogo de Futebol	15	5%
N) Vai à ASSPE	16	6%
O) Vai Para a Igreja	21	8%
P) Outras Atividades. Quais?	13	5%
Q) NR	01	0%
R) Em Branco	-	-
TOTAL	280	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

Quadro LXV - Vida social Universitários

U 21– Nas Sextas-Feiras, Sábados e Domingos Você?	Total	Percentuais %
A) Fica em Casa	03	6%
B) Fica no Computador	06	11%
C) Vê TV	04	8%
D) Vê Filmes no Vídeo	02	4%
E) Vai ao Cinema	04	8%
F) Vai Passear	06	11%
G) Vai à Praia	04	8%
H) Vai ao Shopping	05	10%
I) Vai ao Cine SUVAG	02	4%
J) Fica Lendo	02	4%
L) Prática Esporte	02	4%
M) Vai Para o Jogo de Futebol	02	4%
N) Vai à ASSPE	05	10%
O) Vai Para a Igreja	02	4%
P) Outras Atividades. Quais?	02	4%
Q) NR	-	-
R) Em Branco	-	-
TOTAL	51	100%

Fonte: Figurações culturais- Surdos na contemporaneidade (2009)

A socialização do surdo neste item ficou a desejar, não houve esclarecimento nem subsídios que deixasse mais claro como anda a sua socialização no mundo ouvinte com ouvintes e surdos. Ir passear e ficar no computador denota a mais viável oportunidade que o surdo tem de socializar-se num mundo ouvinte que desconhece sua cultura, sua língua e o auto-isola.

Sendo os surdos uma minoria lingüística (possui outra linguagem) e a sociedade oralista desconhecer e não dominar a Libras ocorre uma predisposição a discriminação ou exclusão que pode levar ao auto-isolamento do individuo como resposta a uma atitude generalizada do domínio oral, do desconhecimento e da dificuldade de se lidar com a diferença.

Essa discriminação ou exclusão ocorre principalmente em não ser aceito em escola de ouvintes e não ter escola de qualidade para alunos surdos.

A metodologia de ensino para alunos surdos não é a mesma aplicada ao ensino para alunos ouvintes. Na pedagogia surda o ato de ensinar envolve situar o aluno na sua cultura, elevar seu sentimento de pertencimento. O aluno surdo não pode aprender um conteúdo transmitido em uma língua que ele não domina - fato que restringe a sua aprendizagem a uma quantidade muito reduzida de conhecimento com qualidade questionável. A escola não tem favorecido a aprendizagem dos surdos inseridos na escola regular. Isso porque essas escolas acentuam as dificuldades de ordem lingüística, sociopolítica e cultural e representa um equívoco, do ponto de vista da abordagem bilíngüe.

A relação professor- aluno é uma relação direta, sem intermediários, logo a língua de sinais é o fio condutor de todo o processo pedagógico. Ao contrario quando numa classe onde a maioria são alunos ouvintes, a relação professor-aluno (surdos) se distancia, cria-se uma barreira pedagógica, mesmo que haja um interprete da língua de sinais. A inclusão fica do lado de fora da sala de aula.

Em termos pedagógicos, o professor surdo em sala de aula é muito importante, porque quando a criança surda mira o professor surdo, ela se sente refletida nesse professor, ela sabe que, se esse professor chegou lá, ela também

pode chegar. Com relação ao professor ouvinte, a criança surda tem uma grande dificuldade de se identificar numa perspectiva de futuro. Então essa criança se sente excluída no processo de formação de sua própria identidade. “O professor de surdo pode ser o modelo de como nós, surdos, precisamos ser, em termos lingüísticos e culturais” (PERLIN, disponível em [http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/](http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br) acessado em 8/4/2008).

É mais do que necessário que se insista em formação profissional na educação. As mudanças curriculares devem começar nos cursos de formação profissionais da educação. Saber que Libras têm o mesmo valor que a língua oral Português/Inglês etc. e não utilizá-la num currículo escolar de nada serve de forma prática para uma mudança social de inclusão sem discriminação.

Para Perlin, pesquisadora surda sobre identidades surdas, cultura e pedagogia surda, o encontro com a alteridade pode ser considerado como o encontro surdo-surdo, ou seja, o momento de “transição para as identidades surdas. A identidade surda é marcada por uma falta de relação ao outro surdo. Ela é representada através de representação”. (PERLIN, 1998, p. 32)

Os estudantes são inicialmente submetidos oralização, portanto querem ser ouvintes viver o mundo ouvinte; posteriormente quando começam a se conscientizar que sua forma de ser no mundo é visual e não poderá ouvir entram em processo de busca de sua identificação se constituindo como sujeito surdo.

Conseqüentemente o surdo não tem esse domínio e conhecimento de sua língua até porque vem de um processo histórico de luta em sua afirmação e evolução.

“É possível observar praticas de exclusão aos surdos que não tiveram a oportunidade de adquirir uma língua natural quando criança. Verifica-se que alguns desses alunos apresentam dificuldades tanto no que se refere à aquisição da língua de sinais como na escrita de uma segunda língua, pois não possuem um suporte lingüístico efetivo”. (SIMONE, 2008)

A pedagogia que viabiliza os saberes surdos é aquela que vê o surdo como sujeito e não como deficiente, como ser capaz, como aquele que lê o mundo com os olhos e não como aquele que tem dificuldades de ler e escrever a língua oral

majoritária, enfim reconhecer o sujeito surdo com suas próprias características e não a partir de uma generalização conceitual.

Os surdos têm um referencial diferente com características e formas de adaptação também diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho levanta a possibilidade de uma visão esclarecedora de como se dá a socialização do surdo num mundo ouvinte desconhecedor da Libras (a língua do surdo), de sua cultura e identidade, analisando os dados das entrevistas da pesquisa Figurações Culturais Surdos na Contemporaneidade. Procura-se analisar e avaliar o sentimento e pensamento dos universos pesquisados, ou seja, entre pais, professores e estudantes do ensino médio e universitários. Constata-se que a sociedade não conhece e não domina a linguagem visual dos surdos (Libras) o que leva a uma predisposição a discriminação ou exclusão dos mesmos podendo acarretar auto-isolamento do indivíduo surdo como resposta ao desconhecimento e consequente dificuldade de se lidar com a diferença.

Se a língua é o ponto de partida para toda e qualquer comunicação como fica esse grupo surdo, vivendo num mundo ouvinte que desconhece sua língua?

Um estrangeiro sente-se excluído e sem identidade num país que não seja o seu, acarretando inclusive outras dificuldades de ordem emocional, psicológica e social para esse indivíduo. Pertencer a um grupo identificatório é salutar e saudável para esse indivíduo diferenciado.

De acordo com o tema abordado exclusão ou auto-isolamento chegamos a elaboração de que esse fato sócio-psicológico acarreta uma via de mão dupla ou seja as duas faces ocorre. O indivíduo que é excluído por um grupo majoritário se auto-isola como reação psicológica a um estímulo social negativo. Estimulo – Resposta à participação em sociedade que leva à formação de grupos sociais.

Os surdos têm experiências diferentes dos ouvintes e como tal o contato com seus iguais leva-os a possibilidade de se constituírem enquanto sujeitos de virem a serem sujeitos surdos através de sua identidade cultural e social e da linguagem adquirida. Dessa forma não teria que perseguir um objetivo inatingível de serem ouvintes. Porém essa premissa não se refere a todos igualmente, existem

surdos que não se percebem pertencentes ao mundo surdo e ou ao ouvinte e circulam em ambos.

Na resistência ao poder do ouvintismo, surgem associações de surdos – território livre do controle ouvinte. Com o objetivo de não se sentirem diferentes num mundo ouvinte os surdos passam então a freqüentar essas associações – nesses lugares os Surdos aprendem a serem surdos.

Daí se entende que a história do surdo é mais produto de resistência que de acomodação aos significados sociais dominantes (querer que o surdo seja oralizado; seja igual ao ouvinte).

Em síntese, primeiramente os surdos foram descobertos pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e conseguirem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispensá-los.

Ser ouvinte é ser falante, letrado civilizado. Ser surdo, portanto, significa não falar. Neste sentido, os estudos surdos problematizam justamente aquilo que em geral não é problematizado.

O termo identidade para melhor entender a temática surdez é usado para busca do direito de ser surdo. Diferente e não deficiente. Por que não podemos repensar nosso olhar? O que o sujeito surdo tem de diferente?

Ser surdo é pertencer ao mundo de experiência visual e não auditiva. Viver uma experiência visual e ter língua de sinais, a língua visual, pertencente à outra cultura, cultura visual e lingüística.

Ao sujeito é dado conhecer, entre outras coisas, a significação do que seja ser um membro de um determinado grupo cultural, seu lugar na estrutura social e as regras e normas que definem como deve postar-se frente ao “outro” pela forma como o grupo é culturalmente representado (pelo seu conjunto de significação). É nesse sentido que os componentes tendem a ser leais aos padrões culturais do

grupo. Assim, ao gozar da sensação de pertencimento, ao mesmo tempo em que constroem suas referências identitárias são por elas construídos.

Na mesma direção, vemos que não se trata apenas de diferenças, mas também de semelhanças. As diferenças apresentam-se como fundamentais para a idéia de identidade, porém quando se pensa em processo identificatório, tende-se a afirmar que as identificações serão possíveis à medida que houver alguma presença da alteridade, mesmo que essa presença se traduza em algo como um valor, uma expectativa, uma projeção e/ou um desejo. Esse parece ser o lugar, o foco das ações de comunicação e relacionamento.

A idéia de identificação exige alguma semelhança. E a cultura surda sente-se discriminada excluída pelo segmento da sociedade; por terem suas peculiaridades.

Trata-se de um trabalho inicial que poderá ser o ponto de partida, com o levantamento da idéia explanatória, para o aprofundamento das questões que especificamente implica o tema abordado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GÓES, Maria Cecília Rafael de & SOUZA, Regina Maria. **O ensino para surdos em escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão.** In: SKLIAR, C. Atualidade da educação bilíngüe para surdos. V. 1. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A experiência de ser surdo: uma descrição Fenomenológica.** Florianópolis, 2008 – Programa de pós – graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2005, 3ª ed.

QUADROS, Ronice Muller (org). **Estudos surdos I.** Série pesquisas. Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul LTDA, 2006.

QUADROS, Ronice Muller e Perlin, Gladis (organizadoras) **Estudos Surdos II.** Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul Ltda., 2007.

QUADROS, Ronice Muller – **Estudos Surdos III.** Petrópolis-RJ: Editora Arara Azul LTDA, 2008.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação de Surdos.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes, uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Editora SCHWARCZ LTDA, 2005.

SILVA, Simone Gonçalves Lima. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Das políticas as práticas pedagógicas.** Monografia Florianópolis-SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: mediação, 2005, 3ª ed. 192 p.

SOUZA, Regina Maria. **Que palavras que te falta? Lingüística, educação e surdez.** Editora Martins Fontes- São Paulo, 1998.

STROPBEL, Karin – **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Editora da UFSC – Florianópolis, 2008.

TESKE, Ottmar. Identidades surdas. In; SKILIAR, Carlos (org). **A surdez um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre; mediação, 2005, 3 ed.

WERNECK, Cláudia, 1957. **Sociedade Inclusiva. Quem cabe no seu todos?** Rio de Janeiro: WVA – Ed. 1999, 240 p.